

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ESCOLA: IMBRICAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

LINGUISTIC AND SCHOOL VARIATION: THEORETICAL-METHODOLOGICAL IMBRICATIONS

Ana Carolina Moreira Gomes (UESPI)¹
Antonio Artur Silva Cantuário (UESPI)²

Resumo: O ensino da variação linguística, hoje, nas escolas brasileiras tem se dado, geralmente, de maneira inadequada, sendo inserido na sala de aula, muitas vezes, como recurso didático para a correção de “erros” gramaticais. Esse uso impróprio da variação linguística nas aulas de língua materna tem contribuído para o surgimento do preconceito linguístico que pode, inclusive, causar problemas de ordem psicológica, como a desmotivação pelos estudos. Objetiva-se explicar as implicações da variação linguística no contexto escolar, investigando de que modo isso se efetiva e como a sociolinguística tem contribuído para a disseminação de saberes acerca do que é e de como se podem trabalhar as variações linguísticas nesse ambiente. O referencial desta pesquisa encontra-se ancorado nas ideias de Bortoni-Ricardo (2005) sobre a variação linguística na escola e em Mollica (2008) sobre os fundamentos teóricos da sociolinguística. Labov (2008), Bortoni-Ricardo (2004), Bagno (2007), Costa (2010), Costa (2011), Suassuna (2010), Nogueira (2010) também oferecem aporte teórico-metodológico à problemática deste trabalho. Como procedimento metodológico, utilizaram-se resenhas das obras estudadas e produzidas pela autoria deste artigo, que foram, posteriormente, propostas a diálogo entre si a fim de que fossem delineadas as ideias centrais de cada autor. Para esse diálogo, usou-se a abordagem de análise descritiva, interpretativa e explanatória, considerando-se a natureza bibliográfica desse estudo. Percebeu-se que a escola, no Brasil, ainda está alheia à questão da variação linguística, promovendo, sobretudo, o ensino de gramática normativa.

Palavras-chave: Ensino; Escola; Variação Linguística.

Abstract: *The teaching of linguistic variation, today, in Brazilian schools has been given, generally, in an inadequate way, being inserted in the classroom, often, like didactic resource for the correction of grammatical "errors". This improper use of linguistic variation in mother tongue classes has contributed to the emergence of linguistic prejudice that may even cause problems of a psychological nature, such as demotivation by studies. The objective is to explain the implications of linguistic variation in the school context, investigating how this is effective and how sociolinguistics has contributed to the dissemination of knowledge about what is and how linguistic variations can be worked in this environment. The reference of this research is anchored in the ideas of Bortoni-Ricardo (2005) on the linguistic variation in the school and in Mollica (2008) on the theoretical foundations of sociolinguistics. (2010), Suopuna (2010), Nogueira (2010) also offer a theoretical-methodological contribution to the problem of this work. As a methodological procedure, we used reviews of the works studied and produced by the authors of this article, which were later proposed to dialogue with each other in order to outline the central ideas of each author. For this dialogue, the descriptive, interpretative and explanatory analysis approach was used, considering the bibliographic nature of this study. It was noticed that the school in Brazil is still oblivious to the question of linguistic variation, promoting, above all, the teaching of normative grammar.*

Key-words: *Teaching; School; Linguistic Variation.*

¹ Graduada em Letras-Português pela UESPI.

² Graduado em Letras-Português pela UESPI. Especialista em LIBRAS pela Faculdade Evangélica do Meio Norte-FAEME. Mestrando em Letras – Estudos Linguísticos – pela UFPI.

1 INTRODUÇÃO

O estudo da variação linguística e sua relação com as práticas docentes e o espaço escolar constituem-se ainda pauta importante nos centros de discussão sobre a formação de falantes em sua língua materna, isso porque o contexto escolar parece reverberar a tradição de ensino que se mostra até hoje resistente às novas configurações no modo como as pessoas falam, sobretudo, nos mais diversos contextos de interação.

É sobre isso que Mollica (2008) elucida e afirma que impossível se fechar os olhos para o fenômeno da variação linguística na escola, já que alguns questionamentos a respeito de fatores que podem acarretar o aparecimento de variações linguísticas num mesmo sistema linguístico evidenciam isso: o grau de escolaridade, o gênero (masculino ou feminino), status social e a influência da mídia.

William Labov, ao realizar uma pesquisa sobre aspectos responsáveis pela aparição de determinadas variações linguísticas, na cidade de New York, observou que a escolarização, o status profissional e o valor de algumas formas linguísticas agem diretamente para marcar socialmente as variantes linguísticas empregadas por um dado grupo social.

Na segunda metade do século XX, por exemplo, evidencia-se um novo emoldurado dos estudos, no campo da linguística: com o avanço da sociolinguística, influenciado pela definição ampliada sobre o relativismo cultural, essa vertente de estudos linguísticos estabeleceu três princípios básicos que a fundamentava. Eis as premissas: "(...) o relativismo cultural; a heterogeneidade linguística inerente e a relação dialética entre a forma e função linguística." (BORTONI-RICARDO, 2005, p.114).

Hoje, o que se configura para a apreciação ou não das variações linguísticas, de fato, é a valorização social, que acaba por contribuir para a disseminação de um dizer "correto", rechaçando outros falares considerado "errados". A influência dos meios de comunicação também coopera para essa realidade, haja vista o grande poder, por exemplo, da mídia que, num curto período de tempo, impregnam o uso de gírias nos mais diferentes extratos sociais. Assim, é fundamental para os estudos variacionista considerar dois termos bastante caros: o linguístico e o social.

Embora o prestígio social contribua para a maior frequência de um tipo de variante linguística, isso nem sempre se dá na ordem direta. Alguns grupos sociais não absorvem essas variantes, o que implica dizer que o prestígio da norma-padrão se dá, sobretudo, pela coletividade, porém isso se efetiva no contexto das minorias sociais (pessoas com maior rendimento financeiro que tendem a usar com maior frequência a linguagem da norma-padrão).

Em face das grandes discussões no meio acadêmico no que diz respeito à integração das variáveis linguísticas para as aulas de língua portuguesa, de que modo essas variáveis (não) são incluídas nessas aulas? Como tem se efetivado o ensino da variação linguística no tocante às metodologias e os conhecimentos sobre esse assunto?

Nesse sentido, objetiva-se neste trabalho explicar as implicações da variação linguística para as escolas, em especial, nas aulas de língua portuguesa, investigando de que modo isso se efetiva e como a sociolinguística tem contribuído para a disseminação de saberes acerca do que é e de como se podem trabalhar as variações linguísticas nesse ambiente sem desprezar conhecimentos dispostos pelos estudos gramaticais.

Hoje, com as novas demandas de ensino-aprendizagem, no que concerne ao ensino de língua portuguesa, discutir e propor espaços de socialização do estudo da língua, nas bases sociais e interativas, é bastante adequado, pois se acredita que os conhecimentos teóricos sobre isso possam se reverter em metodologias e práticas que condigam, de fato, com as perspectivas que se esperam, quando pensamos o ensino de língua materna.

O referencial desta pesquisa encontra-se ancorado nas ideias de Bortoni-Ricardo (2005) sobre a variação linguística na escola e em Mollica (2008) sobre os fundamentos teóricos da sociolinguística. Bortoni-Ricardo (2004), Bagno (2007), Costa (2010), Costa (2011), Suassuna (2010), Nogueira (2010) também oferecem aporte teórico-metodológico à problemática deste trabalho.

Os procedimentos metodológicos deram-se com base em pesquisa bibliográfica quanto à fonte, e de cunho qualitativo no que diz respeito à abordagem do objeto de estudo. Elaboraram-se resenhas críticas das obras propostas para o desenvolvimento das explicações e de provocações acerca do assunto tratado

neste material, segmentadas em três eixos inter-relacionados: definição e contexto histórico da sociolinguística, variação linguística e escola, e abordagem de ensino da variação linguística.

2 SOCIOLINGUÍSTICA: ALGUMAS ELUCIDAÇÕES TEÓRICAS

A sociolinguística, em seu escopo de estudos, investiga, dentre outros aspectos, a língua em situações concretas de uso, verificando aspectos sociais e linguísticos nas situações de fala, ou seja, de que modo uma mesma língua é utilizada em contextos distintos e que aspectos contribuem para essa heterogeneidade, considerando variáveis e variantes. É fundamental para os estudos variacionista a consideração de dois termos bastante caros: o linguístico e o social.

A fala, ato individual dos falantes, manifesta-se em constante dinamismo, o que implica concebê-la como ação heterogênea, sujeita às ações individuais dos falantes, aos contextos e aos condicionamentos sociais. Essas variações podem ser refletidas em aspectos fonológicos, morfológicos, lexicais e estruturas sintáticas que usamos para dizer algo.

A modalidade oral da língua, a fala, permite estabelecer ancoragens de promoção e disseminação dos aspectos amplos e restritos no tocante às situações concretas de uso dos elementos de uma língua que implica, assim, as relações sociais. O que se pretende dizer com isso é que a fala, de fato, é um eficiente veículo que transporta e reflete aspectos de uma sociedade. Isso é notável, quando, por exemplo, utiliza-se o empirismo humano para dizer que alguém é nordestino ou sulista pelos sotaques e também pela lexicografia peculiar a cada região.

Logo, a língua falada está, então, direcionada para “(...) aspectos reais da vida dos falantes.” (COSTA, 2011, p.20). Desse modo, pode-se afirmar que a fala deve ser vista a partir de sua função e contribuição social. As situações de fala parecem estar mais interligadas aos condicionamentos sociais que especificamente ao caráter linguístico (LABOV, 2008).

Preocupada em ressaltar a importância das variações linguísticas e as suas contribuições para o estudo da língua, neste caso, enquanto sistema não independente, a sociolinguística orienta-se por estudos voltados para: surgimento ou

apagamentos linguísticos, multilinguismo, variação e mudança linguística de uma comunidade de fala (outras investigações também constituem foco da sociolinguística).

Nesse sentido, para o seguimento das pesquisas sociointeracionistas, teoria a qual este trabalho se filia no escopo das discussões teóricas, é adequado conceber algumas definições que subsidiam de modo mais consistente os estudos das variações linguísticas. Definimos como variável linguística os elementos (morfemas, fonemas, sintagmas) que constituem fenômeno de variação, ou seja, que são modificados nos dizeres de uma dada comunidade de fala.

Às possibilidades que se pode, por alguns eixos, se encaixar no nível das variáveis é que nomeamos de variantes. Por exemplo, o uso do “tu” pelo “você” ou vice-versa constituem-se como variantes, e o fenômeno, alteração do pronome, é que definimos de variável.

As variáveis ainda se subdividem em variáveis dependentes, quando o elemento variável sofre modificações em decorrências de fatores sociais e/ou estruturais, e variáveis independentes que surgem de fatores externos ou internos à língua, no sentido de que esses fatores exercem dogmatismos sobre os usos linguísticos, a fim de contribuir para um grau maior ou menor da frequência dessas ocorrências.

Em um mundo cada vez mais frenético, os aspectos linguísticos também acompanham essa rapidez. Podemos mencionar o aparecimento constante de gírias em determinados grupos sociais, apagando-se concomitantemente outras gírias, fenômeno este que a sociolinguística designa de mudança em progresso.

Os estudos sociolinguísticos consideram importantes, em qualquer tipo de pesquisa, que se proponha estudar as variações de uma língua, traçando restrições sociogeográficas do corpus a ser analisado. Assim, toda pesquisa que vislumbra estudar a língua sob a ótica das variações regionais, denominar-se-á de variação diatópica, e a que se propõe investigar as variações sob um olhar social é q chamar-se-á de variação diastrática.

Já a modalidade da variação linguística que se apresenta, frente à comparação dessas variações, oralmente e na forma escrita é chamada de variação diamésica, a qual pressupõe conhecimentos acerca dos gêneros textuais para que

se verifiquem, coerentemente, essas alterações linguísticas na língua falada e língua escrita, haja vista a capacidade dos gêneros textuais em moldar, sob certos limites, o “dizer” e o modo como enunciam os falantes.

Quanto à variação linguística que os falantes empregam sob determinados contextos, ou seja, quando utilizamos para cada situação de uso pronúncias de elementos linguísticos diferentes, eis o que a sociolinguística denomina de variação diafásica. E a variação que se verifica em diferentes épocas, na evolução de uma língua, é que se denomina de variação diacrônica.

A sociolinguística, buscando ampliar seus estudos, no seio de suas postulações, considera salutar sistematizar (termo técnico) a definição do termo *vernáculo*, palavra bastante importante para os estudos sociolinguístico, considerando-se que o “vernáculo parece ser, portanto, a fonte mais segura para a investigação dos fenômenos da mudança linguística que afetam determinada língua num dado momento histórico” (BAGNO, 2007, p.51). O vernáculo, na teoria sociolinguística, é definido como o estilo mais natural e espontâneo dos falantes; é usado com a mínima monitoração da fala nos grupos sociais em que são conduzidos.

Isso consolida a proposta de que as variações linguísticas estão sujeitas a determinados estigmas estabelecidos pelos acordos linguísticos das comunidades específicas de fala, pois, caso contrário, nenhuma pesquisa e nem mesmo as ações comunicativas dariam conta de estabelecer contratos de comunicação, havendo, em alguns momentos, controvérsias em face do não entendimento do “querer-dizer” do outro.

Suassuna (2010) apresenta de maneira sucinta alguns princípios básicos dos estudos sociolinguísticos, iniciados por William Labov: “a língua individual é concreta e heterogênea; há relações entre língua e sociedade; a variação é da própria língua; a língua é usada socialmente e, por isso, seu estudo vai além da estrutura e da gramática.” (SUASSUNA, 2010, p.178).

É evidente que a sociolinguística segue o caminho inverso dos estudos estruturalistas, apresentando-se a favor da inclusão de elementos extralinguísticos (práticas sociais, questão cultural, gênero, faixa etária, etc.) para explicar os fenômenos da variação linguística, inerentes às língua.

Cumprе ressaltar que, diante das contribuições da sociolinguística para a compreensão da linguagem, a língua não está limitada somente a um dizer “correto”, mas passível de ser reconhecida pelos falantes sob formas, abordagens de uso e modalidades variadas. Implica reiterar também que, em face dessa diversidade linguística, certos padrões continuam intocáveis, no sentido de não serem modificados com tanta frequência. Por exemplo, embora o léxico possa variar de uma região para outra, a estrutura sintática (ordem direta) quase sempre permanece íntegra.

3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ESCOLA: ORIENTAÇÕES DE ENSINO

A escola, conforme Bortoni-Ricardo (2005), hoje, tem se preocupado mais em “corrigir” aspectos gramaticais que incentivar e formar cidadãos capazes de exercer sua cidadania através da língua(gem). Ensinar e conscientizar o nosso alunato sobre o uso das variações linguísticas é mais que um conteúdo didático, é formar falantes que saibam negociar linguisticamente de modo adequado e que assim possam agregar valores ao que muitas vezes é desprestigiada pelos estudos gramaticais, a identidade que cada falante registra nas suas práticas de fala, diariamente, e que por vezes serve para segregar o falante de sua própria língua, dando margem ao preconceito linguístico.

Nesse sentido, entende-se que um dos aspectos que implicam nessa prática, que perpassa às gerações, é a questão do desrespeito aos antecedentes culturais e linguísticos do educando, contribuindo para que este se reprima e exima-se de sua identidade sociolinguística. Essa condição, infelizmente, molda indivíduos que disseminarão práticas de igual modo.

Enquanto agente de construções de saberes e à função de oferecer aos alunos o acesso à pluridiversidade étnico-cultural, cabe à escola não ignorar as diferenças sociolinguísticas, visto que, por elas, os educandos terão a capacidade de usar sua língua sob as diversas situações, seja para informar, para resolver um problema, seja, ainda, para estabelecer com a escola vínculos mais intensos de intercâmbio cultural, haja vista o que consta nos parâmetros curriculares nacionais-PCN para o ensino de língua materna e quanto às atribuições inerentes à escola.

Além disso, tem-se no atual contexto outro documento que reatualiza as discussões sobre o ensino básico e as implicações práticas para o currículo na sala de aula, a BNCC. Nela, constam filiações aos preceitos dos estudos da linguagem com foco em dinâmicas reais de uso da língua, ecoando o sociointeracionismo discursivo, o que permite inferir que há uma abordagem dialógica e interacionista no modo de entender a língua(gem) como um sistema dinâmico e plástico, no seio da comunicação verbal.

O estudo dos fenômenos linguísticos deve ampliar suas pesquisas no sentido de se focar a abordagem das variações linguísticas no âmbito escolar. Nesse sentido, integrar a escola aos estudos da sociolinguística contribuirá, em boa parte, para a construção de saberes, não pelos problemas encontrados ou que serão constatados nessas pesquisas, mas pelas possibilidades de estratégias que podem ser desenvolvidas para propor práticas de solução sobre essas problemáticas no modo como a variação linguística é tratada pela escola e a questão do preconceito linguístico, temas bastante relevantes para esse campo do saber.

Bortoni-Ricardo (2004) concluiu, em uma de suas pesquisas que verifica como algumas condutas dos professores frente a uma ação linguística dos alunos pautada pelo não uso da linguagem padrão, o seguinte:

O professor identifica “erros de leitura”, isto é, erros na decodificação do material que está sendo lido, mas não faz distinções entre diferenças dialetais e erros de decodificação na leitura, tratando-os todos da mesma forma; o professor não percebe uso de regras não padrão (...); o professor percebe o uso de regras não padrão e prefere não intervir para não constranger o aluno; o professor percebe o uso de regras não padrão, não intervém e apresenta, logo em seguida, o modelo da variante padrão. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.38)

Visto por esse emoldurado, constata-se que as discussões sobre as variações linguísticas ainda são tímidas, na sala de aula. O que, de fato, contribui para isso são os regimentos sociais que cobram da escola a demanda cada vez mais extensa de alunos que saibam empregar, “a nível de frase” (descontextualizadamente), as regras que rezam os livros de gramática. O ensino pautado em condutas de “certo” e “errado” ainda tem sido o objetivo principal das aulas de língua portuguesa, enquanto que a identidade linguística de professores e alunos está atrelada ao lugar do “erro”,

onde se pode com tranquilidade propor regras e ajustar inadequações que transgridam aos padrões linguísticos da gramática normativa e firam os ouvidos dos gramáticos e da própria sociedade.

Bortoni-Ricardo (2004) sugere que, diante de um comportamento linguístico que “descumpra” as regras gramaticais, o professor, em sala de aula, atente, a priori, para a delimitação da diferença, ou seja, do elemento variável, bem como as possibilidades que podem, sem perda de sentido, encaixarem-se nesse espaço. É neste momento que se deve apelar para o estabelecimento da consciência linguística, que é proporcionar reflexões sobre as adequações do uso da língua no tocante às inúmeras esferas da comunicação (contexto).

Isso fica evidente quando se avalia a fala de uma mesma pessoa para com interlocutores distintos. Um indivíduo, na posição de filho, usa elementos linguísticos específicos que poderiam não caber, por exemplo, na sua postura enquanto aluno ou frente a uma reunião de negócios. As gírias, próprias de um determinado grupo social, poderiam não fazer sentido num outro arranjo social de comunicação.

O que se pretende não é desvalorizar ou rejeitar o ensino de gramática, mas, de aliar conhecimentos normativos a situações reais de fala que permitam aos alunos que sejam, de fato, políglotas em sua própria língua. A gramática sempre terá sua importância, pois não há língua sem suas normatividades, como não existe língua sem variação.

Para Bortoni-Ricardo (2004), a *conscientização* parece ser o elemento de maior dificuldade, no contexto de ensino da variação linguística na escola. Argumenta-se que essa realidade (de estabelecer reflexões acerca da conscientização linguística) está atrelada, por vezes, a interrupções na ministração dos conteúdos, implicando numa quebra de raciocínio e no processo de ensino-aprendizagem.

É pouco convincente a argumentação que se dá para o estabelecimento de diálogos acerca da conscientização linguística na sala de aula, tendo por pressuposto o fato de que, esse tem sido o discurso de muitos educadores que, na sua zona de conforto, preferem metodologias que os possibilite transitarem sem muitos custeios teórico-metodológicos, pautando-se, geralmente, num ensino

tradicional de língua portuguesa: ensinar regras e propor frases para a identificação de “erros” e “acertos”.

Bagno (2007, p.69) adverte ainda que a noção de erro tem seu berço na gramática tradicional, no entanto, algumas iluminações sobre esse fato só acontecer “a partir do século XIX, com as investigações linguísticas de caráter propriamente científico.” Vê-se então um avanço de pesquisas no campo da linguística não somente relacionada ao contexto acadêmico, mas relacionado aos acontecimentos que giram em torno de uma coletividade ainda maior, visto que a língua é uma instituição aliada a questões sociais, econômicas, políticas, etc.

Costa (2010) concebe como metodologia adequada ao ensino de língua materna, a inserção de considerações acerca da fala, em sala de aula, ou seja, abordar a fala, projetando-a como uma prática social que deve está incluída nas aulas de língua portuguesa, visto que os elementos típicos da oralidade são produtos de substratos socioculturais que se materializam através de signos linguísticos de uma língua e, nesse sentido, já que é competência da escola disseminar a diversidade social e cultural por meio de reflexões sobre as variações linguísticas, seus usos e, principalmente, discutir sobre a consciência linguística.

A colocação da autora é bastante pertinente, no sentido de que a consideração da fala nas aulas de língua portuguesa propiciaria conhecimentos sobre os valores linguísticos compartilhados por determinados grupos, como forma de incentivar o respeito ao dizer do outro, bem como de seu contexto social. No entanto, isso vai de encontro ao papel que muitas escolas tradicionais têm adotado que é fazer das aulas de língua materna um espaço para corrigir problemas gramaticais e adequar a fala dos educandos aos padrões da norma culta, exclusivamente.

Evidencia-se isso ao ouvir o professor dizer, por exemplo: “Você falou “errado, corrija.” ou “Menino, fale direito.” A provocação da autora propicia a seguinte indagação: A quem seria importante a inclusão das variações linguísticas nas aulas de língua portuguesa e a quem isso causaria danos e/ou prejuízos de naturezas diversas?

Suassuna (2010) orienta que, em termos metodológicos:

(...) Cumpre ao professor, entre outras tantas ações: promover a circulação e o diálogo entre diferentes textos, registros e sentidos; inserir os alunos em situações e experiências discursivas que lhes permitam ampliar seu repertório linguístico-cultural; contextualizar sempre as formas e os usos linguísticos, favorecendo a compreensão de seus mecanismos de estabelecimento e modos de funcionamento na dinâmica das interações sociais, assumir uma postura pedagógica flexível e culturalmente sensível, justificando adequadamente as convenções linguísticas enquanto caminho para a constituição dos sujeitos da linguagem. (SUASSUNA, 2010, p.186)

Embora conceba-se a ideia de inserir, adequadamente, o estudo das variações linguísticas na sala de aula, questiona-se sobre a importância de ensinar gramática e compartilha-se da mesma indagação que Bagno (2007, p.69) sugere à comunidade docente quando ao ensino das variações linguísticas: “é ou não para ensinar gramática?”.

O autor considera que, se for para ensinar gramática na perspectiva tradicional que busca “corrigir” o falar dos locutores, não se deve ensinar gramática, todavia um estudo de gramática ancorado em ideais da linguística funcional e de metodologias que evitem estigmas preconceituosos, é nesse momento que Bagno (2007) coloca como resposta um “sim” para o ensino de gramática. Cabe-nos questionar o seguinte: como se ensinar variação linguística quando se ensina gramática normativa?

4 À GUIA DE CONCLUSÃO

Com base na discussão sobre a variação linguística e sua relação com a escola, viu-se que, no contexto atual da educação, os conhecimentos sobre esse assunto ainda são desprestigiados e desvalorizados em face das demandas tradicionais que o ambiente escolar e a sociedade exigem do nosso alunato, bem como a ausência de estudos científicos, no campo da sociolinguística, que fomentem um diálogo mais intenso entre escola e pesquisa, pois, são estas que contribuem para a confluência de conhecimentos que desencadeiam propostas adequadas para se melhorar o ensino.

Prova disso, é o avanço na produção e circulação dos livros didáticos que, apesar de ainda veicularem determinadas orientações inadequadas, obtiveram, se comparado a anos anteriores a 2000, um grande avanço, como, por exemplo, a inclusão de temas relacionados a própria variação linguística, a oralidade, o ensino de gêneros digitais, etc.

É adequado destacar também que, diante do exposto, viu-se que a própria escola ainda não se deu conta de que o ensino de língua materna deve propiciar, além de conhecimentos acadêmicos, práticas de vida, intercâmbio sociocultural por meio da língua, a formação de cidadãos cada vez mais capazes de usar sua língua sob as variadas circunstâncias do cotidiano e que possam operar conscientemente com esse sistema linguístico, a fim de que não constituam em suas relações sociais o preconceito linguístico.

Metodologicamente, percebe-se que o fato de essas orientações de ensino ainda não se efetivarem nas escolas brasileiras, no tocante ao ensino de variação linguística, deve-se, entre alguns motivos, pela ausência da formação continuada dos educadores que, diante de condições precárias de ensino e muita vezes, sobrecarregado de turmas, não dispõem de tempo para pensar sobre sua prática docente e nem mesmo elaborar planos de aulas mais interativos que considerem a fala, de acordo com Costa (2011), como importante ferramenta de ensino de gramática e também de variações linguísticas.

5. REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora? sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes da. Oralidade e letramento: uma forma de exclusão social?. In: LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira; COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes da; ALVES FILHO, Francisco. (Org). **Reflexões linguísticas e literárias aplicadas ao ensino**. Teresina: EDUFPI, 2010.

COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes da. Alfabetização e vida social: uma perspectiva sociolinguística. In: COSTA, Catarina de Sena Sirqueira da; LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira. (Org). **Nas trilhas da linguagem**. Teresina: Editora da UFPI; Rio de Janeiro: Booklink, 2011.

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza. (Org). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008.

NOGUEIRA, Márcia Teixeira. Contribuições da descrição e análise linguística ao ensino de língua materna. In: LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira; COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes da; ALVES FILHO, Francisco. (Org). **Reflexões linguísticas e literárias aplicadas ao ensino**. Teresina: EDUFPI, 2010.

SUASSUNA, Livia. As variedades linguísticas e o ensino de português: contribuições dos estudos culturais. In: LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira; COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes da; ALVES FILHO, Francisco. (Org). **Reflexões linguísticas e literárias aplicadas ao ensino**. Teresina: EDUFPI, 2010.